

Introdução – O que podem os ego-escritos?

O objetivo da presente tese é propor uma nova epistemologia dirigida aos textos literários cujo teor e contorno autobiográfico não se reduzem à *representação* do gênero homônimo, mas se impõem como *expressão* de uma discursividade que prima pela flexibilização dos limites que cerceiam a enunciação em primeira pessoa do singular. A concepção essencialista de um eu centrado e centralizador, a determinar uma sintaxe discursiva estática (concordância, subordinação e ordem) cede lugar a uma estratégia retórica ligada à parataxe (justaposição e ausência de coordenação), promovendo a diferença ao invés da identidade.

Partindo de um evidente contraste com a taxonomia tradicional, mais particularmente representada pelo pensamento do teórico francês Philippe Lejeune (*On autobiography*, 1988), propõe-se nesta tese uma investigação que se desprende de distinções estéreis entre autobiografia, memórias e demais tipologias autodiégicas já catalogadas, para melhor analisar a dinâmica de contaminação entre suas peculiaridades que impede atualmente que estas sejam consideradas excludentes entre si. Trata-se de observar a *fronteira* nesses trânsitos literários, não mais considerada como índice demarcador de pólos opostos, mas como espacialidade engendrada por uma *nomadologia* exercida pela primeira pessoa, que confirma sua irredutibilidade a uma única via de atualização estética.

A noção de fronteira, comum às distintas abordagens da Geografia Cultural, é incorporada à espacialidade e discursividade autobiográficas pela migração conceitual de um domínio para outro, o que garante a resignificação e a ampliação de conceitos e noções disciplinares (ALMEIDA, 2006: 16), como é o caso de instrumentais teóricos e analíticos situados neste trabalho. O desprendimento dessa noção de seu uso metafórico permite situá-la de modo mais elaborado, seja como uma categoria discursiva, seja como elemento-chave no programa de elaboração textual.

Além de contar com o revestimento conceitual que a noção de fronteira lhe confere, a terminologia aqui apresentada, a dos *ego-escritos*, oferece uma notável rentabilidade teórica para certa vertente da literatura que se impõe como um

espaço que não se deixa sedentarizar e nem circunscrever por princípios normativos ligados ao estatuto do autobiográfico (como considerado tradicionalmente), tais como unidade de ação, estrutura centralizadora da enunciação, organicidade da diegese e retrospectiva linear. Pela oposição a esses princípios, os ego-escritos resistem a molduras narrativas pré-definidas, privilegiando a metamorfose de suas linhas em detrimento da forma definitiva e estática. Sua proposta literária desestabiliza a pretensão da narrativa enquanto uma estrutura orgânica, em que as unidades de ação gravitariam em torno de um narrador centralizado, o qual determinaria as demais relações na narrativa encadeadas a uma perspectiva linear de recuperação de fatos e lembranças pretéritas. Nos ego-escritos o narrador já não figura como um *cogito* que obedece a uma demanda identitária com o escritor e com a autenticidade de suas memórias, mas como uma instância de total imprevisibilidade do discurso, em constante dissociação e reduplicação, assim como as memórias que conta em sua autodiegese.

Na contramão da concepção tradicional, os ego-escritos se voltam para uma estratégia de descentramento e plena mobilidade do lugar da enunciação, prescindindo do compromisso com um caráter substancial para o eu que narra e investindo em recursos estéticos que o afirmem como uma *multiplicidade*. Ao invés de objeto de interpretação, as memórias se tornam vetores de uma *cartografia* diegética sempre *diferenciada* e que não privilegia mais a transcendência de uma figura empírica, mas sim a construção de um *campo de imanência* atravessado pelas diversas encenações efetuadas pela primeira pessoa do singular.

Ao promover a expressão e não mais o traço representativo, os ego-escritos funcionam como mapas ou atravessamentos de linhas discursivas variadas, que privilegiam as potencialidades dos percursos apontados na narrativa, ao invés das limitações impostas pelo dito gênero autobiográfico. A confecção expressionista recusa a redução da escritura a uma territorialidade definida e monolítica, permitindo encená-la como um incessante deslocamento entre as instâncias diegéticas que compõem seu horizonte literário.

Os principais contrastes entre os princípios reguladores caros à idéia de gênero e a paisagem conceitual propagada pelos ego-escritos se encontram

sucintamente dispostos no quadro abaixo, com vistas a esclarecer e antecipar a proposta epistêmica a ser desenvolvida nesta tese:

GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO	EGO-ESCRITOS
Uniformidade Unidade Permanência Sistema Orgânico Transcendência	Rizoma Multiplicidade Nomadologia Sistema Cristalino Imanência

Essa grade conceitual (a ser devidamente clarificada mais adiante) provém da chamada Geofilosofia, elaborada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia* (2006) e posteriormente em outras obras de assinatura exclusivamente deleuziana. Cada uma dessas noções se conecta a um plano de imanência e a uma dinâmica própria, chamada *rizomática*, que os filósofos situam como um modo relacional envolvendo a multiplicidade e a cinemática, e que no campo literário vai ao encontro do agenciamento de discursividades distintas promovido pelos ego-escritos, em consonância ao seu desprendimento de lógicas binárias e estruturais (relação causa e efeito, unidade de ação, lugar da enunciação) na narrativa.

O pensamento geofilosófico proposto por Deleuze e Guattari se baseia na exploração criativa da imanência (por oposição à transcendência), plano inerente ao real e que não deve ser pensado como um ser ou uma essência, mas como um fluxo aberto e dinâmico de devires ou expressões da diferença. Isso implica pensar o real sob o ponto de vista das virtualidades, e não somente sob o da dimensão atual ou concretamente manifesta no espaço. O virtual é a circulação constante de potências, que nunca são uniformes ou homogêneas e nem supõem uma teleologia ou objetivo prévio e determinado a lhes dirigir. Segundo Deleuze e Guattari, a noção de devir se vincula a da potência do diferenciar-se (e não diferenciar-se) ou seja, uma mudança de natureza, e não propriamente de forma. No caso da literatura, o devir é *expressão* estética (e não representação) dos virtuais que pairam na narrativa e que não se vinculam a um objeto ou idéia que o antecede ou determina. Compõem o movimento incessante da diferença que demanda uma

propagação, não mais em direção a uma futura essência ou formato, mas visando a perpetuação de sua dinâmica e metamorfose, sem outra finalidade que a de se afirmar esteticamente. O devir nunca é *um*, mas *multiplicidade*, e por isso Deleuze se refere a devir-animal, devir-mulher, devir-planta entre outros, evitando reduzir sua potência a uma certa tipologia.

As discursividades que compõem uma narrativa literária se atualizam como multiplicidades (não em número mas em natureza), ou seja, nem como unidades nem como totalidades, mas enquanto entidades relacionais constituídas por linhas variadas e irreduzíveis em sua natureza. Um ego-escrito devém autobiográfico, romanesco, ficcional, poético, artístico quando expressa essas linhas ou virtuais evidenciando a ação em seu campo de imanência (linguagem ou dicção forjada pelo escritor). As expressões ou devires fazem do texto um campo não totalizável, presentificando-o como um *corpo sem órgãos* ou espaço onde se anulam hierarquias e funções fixas determinadas.

Em um corpo sem órgãos, segundo a filosofia guattari-deleuziana, não há um regimento pela estratificação e por funções determinantes, mas somente o agenciamento rizomático das linhas que o compõem, autônomas como as de um mapa, sugerindo inúmeros percursos criativos e o engendramento de novas direções sucessivamente. Essa imagem cartográfica é a de um espaço (narrativa) e seus atravessamentos (discursividades), ambos não redutíveis a uma essência ou a uma determinada forma. São antes devires, que não resgatam identidades, mas inauguram nos modos em diferença.

A correlação entre textualidade, imanência e cartografia, legado dos mais importantes deixado por Deleuze e Guattari, tem sido trabalhada em recentes estudos literários. Nesta tese, concentramo-nos em três produções que atualizam esse investimento conceitual através da translocalidade da primeira pessoa do singular em discursividades autobiográficas. São elas *Lost in the funhouse* (1969) do escritor americano John Barth, *O falso mentiroso* (2004), do escritor brasileiro Silviano Santiago e *A louca da casa* (2004), da escritora espanhola Rosa Montero. Essas três obras, de notável valor e amplo reconhecimento na crítica acadêmica, são artífices de recursividades narrativas e atravessamentos discursivos que sugerem à idéia de gênero autobiográfico uma necessária, e inovadora, revisão crítica.

Não se trata, no entanto, de abordar essas obras com o objetivo de desqualificar a produção crítica existente acerca do autobiográfico, mas de promover uma observação crítica produtiva, que possa oferecer uma contraproposta teórica mais rentável junto à produção literária atual. Compartilhando da visão de teóricos importantes como o francês Paul de Man (“Autobiography as de-facement”, 1984), o americano James Olney (com seu texto introdutório da coletânea *Autobiography: essays, theoretical and critical*, 1988) e a argentina Leonor Arfuch (*Espacio biográfico*, 1998), esta tese ratifica a idéia de que o autobiográfico oferece tantos índices de variabilidade que, sem esforço, nos leva mesmo a duvidar de seu estatuto como gênero literário.

Para melhor fundamentar a investigação revisionista pretendida, provou-se necessária a associação dos estudos da filosofia a certa vertente da sociologia, de acordo com um critério sinérgico. A contribuição da teoria sistêmica do autor alemão Niklas Luhmann (dentre suas inúmeras obras, consideramos aqui *Essays on self-reference* [1990] e *Art as a social system* [2000]), em especial através da importação das noções de *sistema*, *auto-referência* e *observação* desenvolvidos em sua sociologia) comparece nessa investigação com o objetivo de impedir quaisquer reduções a taxonomias convencionais e doxas já ultrapassadas, ou seja, possibilitando que os ego-escritos sejam compreendidos não como um formato literário definitivo mas como campos de força (sistemas abertos) e focos de resistência diante da circunscrição ou restrição a um modelo tradicional.

Esse tratamento transdisciplinar, envolvendo Literatura, Filosofia e Sociologia, demandou uma metodologia de trabalho que permitisse essa articulação em complexidade. Por meio do princípio da dialógica se efetuou nesta tese a aproximação entre idéias que muitas vezes se excluem – como por exemplo organização (Niklas Luhmann) e rizomática (Gilles Deleuze e Félix Guattari) –, mas que estão vinculadas à realidade literária de um mesmo procedimento narrativo. Dessa forma, foi possível estabelecer com eficiência uma dinâmica analítica em que idéias antagônicas não se congelassem em dicotomias, mas atuassem em complementaridade.

Através do *princípio hologramático* foi possível compreender o modo funcional das instâncias narrativas, nas quais o todo sempre contém as partes, sendo que cada uma delas é portadora das virtualidades desse todo. Para a abordagem da cartografia enquanto um sistema aberto e cinemático, propagador

de atravessamentos entre os planos extra-, intra- e hipo-diegético, é necessário que se aborde a proposta literária em questão de modo hologramático, ligando as partes ao todo, o todo às partes e partes às partes entre si, para melhor observar que os deslocamentos não implicam uma totalidade formal a ser abarcada, mas *intensidades* discursivas em circulação através das variações por que passa a enunciação em primeira pessoa. A partir daí se pôde traduzir esteticamente a transição do modelo organizacional ou orgânico para o rizomático ou cristalino, proposto por Deleuze.

Esses dois princípios metodológicos atuam em todas as análises que esta tese dispõe em seis capítulos. O primeiro desses capítulos trata do rompimento dos ego-escritos com os pactos normativos concernentes ao estatuto autobiográfico (como definido pelo teórico Philippe Lejeune). A partir da análise desse movimento disruptor, parte-se para a abordagem de pensamentos críticos afins, como os situados por Roland Barthes, Michel Foucault e Maurice Blanchot, que se baseiam no questionamento da figura de um autor orgânico, o que permite situar a concepção do investimento autobiográfico como discursividade e não como um gênero de contorno fixo e determinado.

No segundo capítulo é apresentada uma nova proposta conceitual, baseada na Geofilosofia e nos conceitos construídos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que consideram o texto literário não mais a partir de uma concepção mimética, mas enquanto manifestação expressionista, que, desvinculada de um modelo prévio a ser representado, se afirma como um devir estético, sempre diferenciado em sua natureza.

O terceiro capítulo aborda o conceito de nomadologia, também oriundo da Geofilosofia guattari-deleuziana, e sua articulação aos movimentos desestabilizadores protagonizados pela primeira pessoa do singular, que, assumidamente oscilante entre a *spectralidade* do escritor, o *neutro* da linguagem literária e o revestimento ficcionalizado de um narrador-personagem, se confirma como uma imagem-fluxo, instância de trânsito pelos níveis diegéticos e irreduzível a qualquer substancialização.

No quarto capítulo, os ego-escritos são abordados à luz da teoria sistêmica de Niklas Luhmann, mais particularmente enquanto sistema autopoiético ou de autoprodução e autogestão, que se mantém aberto aos *afetos* de outros sistemas integrantes de seu ambiente ou do seu “em torno”. O conceito de *observação em*

segunda ordem é um dos operadores que contribuem para uma compreensão eficiente da dinâmica narratológica do ego-escrito, bem como da articulação entre discursividades autobiográficas e autoficcionais.

As obras literárias em questão são apresentadas no quinto capítulo, com exceção do ego-escrito de John Barth, que é analisado no capítulo três. As produções de Silviano Santiago e Rosa Montero contam com a análise baseada no conjunto de conceitos e pressupostos examinados nos capítulos anteriores, além de enfatizar a intervenção do modo ficcional numa proposta que tradicionalmente o exclui.

O sexto e último capítulo presente no desenvolvimento da tese situa a abordagem crítica em torno de recursos estéticos tais como o falso e o simulado, que fazem dos ego-escritos contemporâneos um espaço de subversão das normas mais rígidas em torno do autobiográfico, ou seja, a demanda por sinceridade e autenticidade no modo de narração bem como no conteúdo das memórias narradas. Partindo da contribuição de Gilles Deleuze acerca da *potência do falso*, colhida ao pensamento de Friedrich Nietzsche em suas obras *Genealogia da moral* e *Acima do bem e do mal* e seu ensaio “On truth and lies in a non moral sense”, busca-se desatrelar o investimento autobiográfico da chamada *vontade de verdade*, que circunscreve a elaboração literária a pressupostos pouco rentáveis esteticamente.

Em termos mais abrangentes, esta tese parte da idéia de que a confecção da escritura autobiográfica funciona como a de um plano que busca manter-se como uma espécie de imaginário laciano, ou seja, como uma livre circulação de singularidades que não se mostram redutíveis ao investimento simbólico (taxonomias, ideologias, genealogias e teleologias próprias no gênero autobiográfico) e a uma hermenêutica definitiva. O texto literário se apresenta como um jogo que infalivelmente sempre vai além de suas regras, mostrando que classificá-lo ou encarcerá-lo numa moldura implicaria reduzir sua potência, atrelá-lo a uma certa normatividade ligada a gêneros e tipologias e que já é reconhecida como ineficiente ou inadequada. Esta tese trata, assim, de sustentar a rentabilidade de conceitos mais velozes, que possibilitam uma análise literária eficiente e afirmativa quanto à potência criativa dos ego-escritos, campo de imanência dos mais rentáveis ao experimentalismo estético na contemporaneidade.